

Antropologia dos afetos em Nelson Rodrigues no laboratório de humanidades: uma experiência humanizadora na saúde

Carla Cristine Souza de Almeida, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Resumo: Este trabalho integra o Projeto de Pesquisa Regular FAPESP *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação*. E pretende demonstrar como os excessos do racionalismo na Modernidade pode ser compreendido como patologia, e desta maneira, desumanizadora. Assim, procuraremos demonstrar de que maneira a experiência humanizadora da Literatura, através de uma Antropologia dos Afetos presente em Nelson Rodrigues, pode ser considerado um “remédio” possível, humanizador, no âmbito da Saúde.

Palavras chave: laboratório de Humanidades, humanização na saúde, antropologia dos afetos, Nelson Rodrigues

Abstract: This work integrates the FAPESP Regular Research Project “The Pathologies of Modernity and the Medicines of Humanities: investigation and experimentation”. It intends to show how the excess of rationalism in Modernity might be understood as pathology, and thus, dehumanizing. Therefore, we seek to demonstrate in which way the humanizing experience of Literature, through an Anthropology of Affections, as seen within the work of Nelson Rodrigues, might be considered a possible “medicine” in Health.

Keywords: Humanities Laboratory, Humanization in Health, Anthropology of Affections, Nelson Rodrigues

Introdução¹

É preciso ir ao fundo do ser humano. Ele tem uma face linda e outra hedionda. O ser humano só se salvará se, ao passar a mão no rosto, reconhecer a própria hediondez. (Rodrigues, 1997: 152)

Este trabalho é parte integrante do Projeto de Pesquisa Regular FAPESP *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação*, sob a coordenação do Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian *et al.* (2010), que pretende problematizar os pressupostos teórico-filosóficos que fundamentam as políticas e programas de humanização propondo uma abordagem em duas vertentes: a) uma análise arqueológica dos conceitos de humanismo procurando investigar as diversas concepções antropológicas produzidas na Modernidade que determinaram as diferentes perspectivas da humanização; b) investigar o papel das Humanidades enquanto meio de humanização efetiva no âmbito da saúde, partindo da análise qualitativa de uma experiência educacional concreta: o Laboratório de Humanidades. E na confluência entre investigação e experimentação procura compreender em que medida a desumanização pode ser vista como sintoma patológico da Modernidade e até que ponto a experiência das Humanidades —nesta pesquisa privilegiando a Antropologia dos Afetos presente em Nelson Rodrigues— pode ser apresentada como remédio ou caminho de humanização no âmbito da saúde.

O sentido real da paixão é inconfessável. Quem confessaria que deseja o aniquilamento? (Vicente, 2000: 1)

¹ Texto inédito. Resultado parcial de mestrado em andamento pelo CeHFi, Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde, EPM/ UNIFESP.



Na sociedade moderna existe uma grande busca por um alívio imediato dos sintomas, uma fuga do ser humano ao sofrimento, sendo possível constatar que a cada dia mais pessoas depositam sua confiança em receitas infalíveis que venham eliminar quase por completo o mal estar sem a preocupação pelo sentido desse sofrimento. Como se existisse uma forma de medicalizar a vida e o sofrimento. Conforme Gallian (2012) torna-se corriqueira a busca de remédio para tudo, como se fosse possível uma panaceia eficaz para todos os sofrimentos.

Na vida a experiência estética é primária por ser apreensiva aos órgãos dos sentidos, uma experiência humana por excelência, porque reconstitui a unidade da vida comportando os afetos humanos. A ciência, ou o modo científico de pensar, acaba fragmentando esta experiência, idealizando a vida, fragmentando a experiência estética quando direciona o modo de pensamento com base simples nas causas e efeitos. Esta busca por explicações biológicas, fisiológicas, dos comportamentos com objetivo de evitar o sofrimento deixa de fora a complexidade humana.

Em contrapartida, na tradição literária ocidental percebemos a riqueza de pensamentos onde ocorrem diversas metamorfoses e a cada texto novas reflexões se somam a gama infinita de mutações que percebemos em nossa humanidade. Franz Kafka (1999) em seu *Um Relatório para a Academia*, nos conta a história de um símio que consegue tornar-se humano, com o corpo de símio, mas com comportamentos humanos. Em seu relatório conta aos senhores da academia, como se dá o processo de “humanização”, sua luta para aprender como imitar o comportamento humano e conseguir sair da condição pura de animal: “Era tão fácil imitar as pessoas! Nos primeiros dias já sabia cuspir”. Como exemplo de metamorfoses do homem, Nelson Rodrigues escreveu:

O ser humano é o único que se falsifica. Um tigre há de ser tigre eternamente. Um leão há de preservar, até morrer, o seu nobilíssimo rugido. E assim o sapo nasce sapo e como tal envelhece e fenece. Nunca vi um marreco que virasse outra coisa. E assim o bode de charrete, com sua barbicha flamenga e os chifres em caracóis. Só o homem pode deixar de ser homem e repito: - só o homem pode se desumanizar. (Rodrigues, 1997: 152)

Somos seres desejanter e o seremos sempre. Fugimos a todo tempo de forma desenfreada e impensada da dor. E este movimento humano pode ser encontrado na literatura que demonstra como as experiências de vida se dão através do tempo. Ainda que não de forma linear e crescente:

Esses meus progressos! Essa penetração por todos os lados dos raios do saber no cérebro que desperta! Não nego: faziam-me feliz. Mas também admito: já então não os superestimava, muito menos hoje. Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial, essa saída humana. (Kafka, 1999: 12)

Quanto de macaco ainda resta em nós? Em algumas atitudes de nossas vidas profissionais terminamos na imitação por necessidade, quase uma obrigação, de nos tornarmos “humanos melhorados”. Cartilhas que vêm com o silêncio da lei invadem não só o espaço público, mas também nossa esfera da vida privada.

A consciência de sermos mortais, desejanter, constituídos por uma falta infinita e necessidades contínuas, já pode ser considerada como uma experiência humanizadora na Saúde ou em qualquer outra área. Pois comporta nossa experiência real com o mal humano, reconhecendo nossa dupla tendência de fuga da dor e da busca da realização plena de nossos desejos. Confessar o aniquilamento não acontecerá assim de maneira tão transparente.

Os instintos não passam de um lapso indesculpável da natureza. Assim como o cirurgião esquece uma toalha na barriga operada, assim a natureza esqueceu os instintos nas nossas entranhas. (Rodrigues, 1997: 90)

A problemática da desumanização que envolve toda a dinâmica da própria Modernidade é marcada por um grande desenvolvimento das ciências, e tal visão de mundo fundamentalmente científica traz consequências que permeiam as relações humanas. Contemporaneamente, e de maneira particular no campo da Saúde, nota-se que a discussão sobre a humanização emerge como um discurso constituído nas esferas das políticas públicas. No caso do Brasil hoje temos a Políticas Nacional de Humanização – PNH (BRASIL, 2003); que vem sendo desenvolvida e discutida no âmbito da Saúde por mais de uma década e se confronta com uma realidade na qual sua aplicabilidade acaba de certa forma se chocando fundamentalmente com uma realidade empírica prática onde geralmente os programas, protocolos e projetos de humanização acabam tendo como resultando o inverso daquilo que lhes é proposto (Gallian, 2009, 2010, 2012).

Na prática observamos que o programa humanizador tende a desumanizar porque é compreendido, em grande medida, como uma questão de competências e habilidades partindo de uma perspectiva eminentemente racionalista e cognitivista (Gallian, 2012). Deste ponto de vista o ser humano é a sua Razão, que por sua vez, funciona a partir de conteúdos e métodos. Ou como um cérebro sedento de conhecimentos e informações, os quais deverão ser preenchidos de conteúdos, de competências e habilidades, dentro de uma perspectiva “tecnicista” e “cientificista”. E percebemos neste momento da história atual que esse excesso de informação e conhecimentos técnicos científicos gera um efeito colateral que é o que chamamos de desumanização.

Os protocolos de programas humanizadores onde o profissional é submetido a um “treinamento”, um “condicionamento”, é um contrassenso porque não se treina e nem se condiciona o “humano” do ser. Nesta perspectiva os profissionais da Saúde, além das competências e habilidades técnicas inerentes a sua especialização, ainda devem incorporar uma série de competências e “habilidades humanísticas”. Humanização compreendida numa articulação entre assistência e avanços tecnológicos.

O problema da humanização deve ser compreendido a partir de sua raiz filosófica e antropológica. Caso contrário será tratada como mais um conteúdo a ser incorporado para poder atender a demanda do mercado e a demanda social. O resultado desse processo é identificado como “patologização” e que afeta diretamente o profissional da Saúde, vítima dos programas e protocolos de humanização (Gallian, 2010). Porque a resultante dos excessos da racionalização moderna desconsidera nossas entranhas, como apontava Nelson Rodrigues. Conteúdos humanísticos racionais não correspondem aos sofrimentos e alegrias reais da vida. Nela fracassos e fragilidades, vícios e virtudes, deverão ser considerados.

Assim, nesta pesquisa procuramos identificar de que maneira a experiência estética da literatura, vivenciada por profissionais e formandos da área da Saúde no contexto do Laboratório de Humanidades da EPM-UNIFESP à luz da leitura e discussão de obras de Nelson Rodrigues, pode ser entendida como uma abordagem humanizadora, segundo a perspectiva da *Antropologia dos Afectos* reivindicada pelo próprio Nelson Rodrigues.

A antropologia da perfectibilidade como patologia da modernidade

O homem não nasceu para ser grande. Um mínimo de grandeza já o desumaniza. (Rodrigues, 1997: 76)

Vivemos hoje mergulhados e envoltos na era do super desenvolvimento, a modernidade a cada segundo deseja e pretende ultrapassar limites gerando por um lado uma grande produção científica, e por outra levando a desumanização do homem.

Jonh Passmore, em a *Perfectibilidade do Homem* (2004) apresenta em sua obra uma arqueologia sobre o tema da perfeição humana e seus desdobramentos conceituais e práticos. Percorre três mil anos de história intelectual da humanidade englobando teologia, filosofia, religiões ocidentais e orientais, ideais políticos e sociais, ciências biológicas, literatura e teatro. Durante seus estudos percebeu que as palavras **perfeição** e **perfectibilidade** tinham uma variante de acepções, observando três fundamentais. Em primeiro a **perfeição técnica** que era

fundamentada no talento e destreza, que consiste em ser competente num determinado ofício, cargo, trabalho ou projeto. Conceito esse que está presente no senso comum, porém isento de qualquer conotação moral. Como nos diz Passmore (2004: 20): “[...] o homem é perfectível se, e apenas se, possuir talentos e habilidades que o capacitem para o desempenho de uma atividade que lhe seja destinada numa sociedade ideal”. Em segundo pontua a **perfeição obedecente** (ou vocacional), sintetizada por teólogos cristãos como Lutero. Tratava-se da obediência a Deus e Seu projeto para o homem. De certa maneira tem como objetivo formar o cristão para utilizar sua vocação para servir aos seus semelhantes. De certo modo vem englobar a perfeição técnica, mas ela é apenas o meio para se atingir a finalidade.

Na verdade, o desempenho do homem em sua vocação é importante para Lutero apenas porque demonstra sua obediência a Deus para o homem, da mesma forma que, para Platão, demonstra a sua disposição em submeter-se ao governo dos reis-filósofos. [...] a perfeição obedecente, contudo, tem ainda os seus problemas: que garantia há de que a submissão à vontade de Deus não conduzirá os homens à imperfeição? (Passmore, 2004: 24-25)

Em terceiro a **perfeição teleológica**, cujo patrono é Aristóteles a partir do conceito de *eudemonia* (felicidade ou bem-estar). Parte do princípio que se deve alcançar uma finalidade natural. O ser humano é perfectível, se e apenas se, for capaz de atingir o bem estar. São Tomás de Aquino aprimorou o conceito com a “perfeição” de cada coisa, onde tudo se move por natureza própria em direção a uma condição particular. Desta maneira o conceito de perfeição natural pressupõe que toda e qualquer coisa, incluindo os seres humanos, possuem uma finalidade natural, na qual se pode alcançar a satisfação perfeita. Cada elemento detém potenciais não realizados e a perfectibilidade consistiria na concretização destas potencialidades.

Aperfeiçoar-se tecnicamente é tornar-se útil, mas não necessariamente tornar-se perfeito. [...] Tomás de Aquino escreve que “tudo é perfeito desde que real”, ou Spinoza: “por perfeição... deverei entender... a realidade”. O real é “perfeito” na medida em que seja a concretização de uma potencialidade, ou a realização de sua forma. (Passmore, 2004: 32)

Feitas estas conceituações, pretendemos nesta pesquisa focar a perfeição técnico-cientificista e seus efeitos na Modernidade. Como nos diz Gallian (2012): ” [...] convivemos com os efeitos da “cientificização” e “tecnificação” da vida e das relações humanas, que enfeixa uma série de patologias associadas à desumanização: a solidão, a depressão, o pânico, o desespero”. Ao se tornar cada vez mais técnico os afetos humanos são deslocados somente para o lado “patológico” e deixam assim de serem constitutivos da própria vida.

Michael Oakshott, representante expressivo da Filosofia Crítica anglo saxônica do século XX, demonstra em sua obra *El racionalismo en la política y otros ensaios*, que a grande parte das experiências humanas não podem ser consideradas apenas “resumos” da razão. Os hábitos de afeto e os sentimentos são espontâneos e estão nas vísceras do ser humano.

Como todos los mitos profundos, éste [La Torre de Babel] representa un proyecto cuya fascinación no se limita a la infancia de la humanidad, sino que es uno que constantemente sugieren las circunstancias de la vida humana y que ningún fracaso puede privar de su atracción. [...] La búsqueda de la perfección en línea recta es una actividad a la vez impía e inevitable en la vida humana. [...] Porque para un individuo que se ve impulsado a realizarla, la recompensa puede superar al castigo y a la derrota inevitable. [...] La actividad que nos interesa es la que se llama actividad moral; es decir, actividad que puede ser buena o mala. La vida moral es efecto y compartimiento humano, determinados no por la naturaliza sino por el arte. (Oakshott, 2000: 427-428)

Neste ensaio Oakshott (2000) apresenta a atualidade do Mito da Torre de Babel, e nos mostra a atividade moral em duas formas: a primeira como sendo um hábito de afeto e

comportamento, não um hábito de pensamento reflexivo, mas um hábito de afeto e conduta que persiste no tempo. E o segundo como contrário à primeira sendo determinada não pelo hábito de comportamento, mas pela aplicação reflexiva do critério moral. Assumindo assim duas vertentes comuns: a busca autoconsciente de ideais morais, e a observância reflexiva de regras morais.

Retomando as “Patologias da Modernidade”, a racionalização excessiva somada a uma Antropologia da Perfectibilidade nos leva à desumanização porque a razão sozinha não serve como um instrumento para fundar a moral. A razão muitas vezes funciona como um ácido dissolvendo a própria moral: a racionalização “patológica” é capaz de deformar e corromper todas as formas de vida (Oakeshott, 2000). O comportamento humano não está ligado a regras e leis que determinem como funcionar melhor, não se ensinam afetos e nem se delimita o que compreendemos por sentir. O comportamento humano está ligado diretamente aos hábitos de afetos.

Nelson Rodrigues foi um pensador/escritor que conta com uma disposição conservadora é aquele que faz uma anatomia da alma, olha diretamente para as sombras do humano e nos mostra como o homem age de verdade, com as vísceras transparecendo no seu corpo. Longe das utopias perfectibilistas o homem em suas histórias ficcionais age de verdade, não faz de conta, mente menos porque idealiza menos, e por isso não busca justificacões a todo o momento.

Para Oakeshott os hábitos de afeto são equalizados no uso considerando a natureza humana. A moda do racionalismo extremista é a dissolução da vida humana. Hábitos e afetos são passados a nós com o tempo, de nossos antepassados, e perpetuam aos que virão, garantindo a vida como uma forma de amor. A Modernidade estaria destruindo o humano (a desumanização) ao aderir a uma racionalidade que tudo calcula, onde somos cada dia mais norteados por protocolos criando desta maneira um homem mais artificial.

Antropologia dos afetos: Nelson Rodrigues o anjo pornográfico do século XXI

E o pior é que, pouco a pouco, o copy desk vem fazendo do leitor um outro idiota da objetividade. A aridez de um se transmite ao outro. Eu me pergunto se, um dia, não seremos nós 80 milhões de copy desk. Oitenta milhões de impotentes do sentimento. Ontem, falava eu do pânico de um médico famoso. Segundo o clínico, a juventude está desinteressada do amor, ou por outra: - esquece antes de amar, sente o tédio antes do desejo. Juventude copy desk, talvez. (Rodrigues, 2007: 141)

O que será que existe na Obra de Nelson Rodrigues que mobiliza tantos afetos? Em suas próprias palavras (1997: 49): “O desejo não tem nada a ver com alegria e nada a ver com a multidão. O desejo é triste e exige o pudor, o segredo, o mistério, a exclusividade do casal”. Se o amamos provocamos insinuações e poderíamos ser nomeados como pornográficos como o intitulavam; se odiarmos, sempre haverá alguém que questionará o porquê de tanta rejeição.

Nelson Rodrigues dizia que somente no subúrbio se morria por amor, lá ainda existiam os amores verdadeiros sem máscaras. Navegando em um universo de traições, amores impossíveis, morte, sexo e o subúrbio carioca provocou e provoca até hoje paixões que assustam as pessoas. O homem quando se depara com um dos personagens de Nelson Rodrigues e se identifica sente-se amedrontado por reconhecer suas próprias mazelas nos palcos. Estes personagens eram retirados da vida real, apalpados e farejados por Nelson em cada esquina ou no próprio jornal onde trabalhava. Um escritor visceral que de alguma forma interpretou o povo brasileiro na sua visceralidade, e transbordou nos palcos e nos livros temas que o tornaram o dramaturgo que ainda lota teatros até os dias atuais. Em alguns momentos ver a realidade nua e crua, *A vida como ela é*, nos traz desconforto e o ser humano tem grande tendência a escolher sempre o modo de sofrer menos. Fugir da dor é um movimento intrinsecamente humano.

Nelson Rodrigues foi também considerado um frasista e é de sua autoria aforismos espetaculares que conhecemos até hoje. Não há quem não se afete quando ouve, por exemplo: “Toda mulher gosta de apanhar, porém só as neuróticas reagem”. Ainda que de forma negativa

provoca afeto. Com um primor inigualável Nelson Rodrigues escreveu a pornografia dos outros, a imoralidades dos outros; homem de escuta privilegiada transformou histórias verdadeiras, casos de amor e morte, em contos ficcionais durante muitos anos em suas colunas jornalísticas.

Como disse o próprio dramaturgo (Rodrigues, 2012: 105): “Não sou pornográfico. Pelo contrário, me chamo moralista. O único lugar onde o homem sofre e paga pelos pecados é em minhas peças”. Nelson Rodrigues escreveu sobre morte, amor e sexo, molas propulsoras das paixões humanas. Alguns leitores enfrentam e outros fogem.

Nesta pesquisa será central o conceito de “idiota da objetividade” de Nelson Rodrigues. Ele nos diz que quanto mais objetivos e descritivistas formos mais idiotas e desumanos nos tornaremos. Podemos perceber que quanto mais nos movemos mergulhados na “cientificização” e “tecnificação” baseando nossas vidas em cálculos e descrições, ou permitindo que leis externas e protocolos nos ensinam afetos nos adestrando a uma maneira estabelecida de como conviver com outros seres humanos, mais nos tornaremos “idiotas da objetividade”.

A disposição conservadora é explícita nas obras de Nelson Rodrigues e nos possibilita aproximá-lo ao filósofo Oakeshott, que em seus ensaios nos mostra que a racionalização excessiva quando desconsidera os hábitos e afetos e aceita somente princípios baseados na “cientificização” e na “tecnificação”, nos torna mais desumanizados.

O hábito do afeto é elástico como é a vida afetiva dos seres humanos, ele nunca é estático, como pensa a nossa vã filosofia racionalista. Encontra-se sempre pronto para se adaptar, seja de forma silenciosa, mesmo que dolorosa, seja através de dramas causados pelas dores das inquietações práticas da vida comum. Como não há manias idealistas construídas por argumentos e debates articulados em frases eloqüentes, o afeto moral não é fixo numa fórmula moral clara, mas nem por isso ele é menos ativo ou ágil, pelo contrário. Por isso Oakeshott vê nele a nuance que não existe nos modos racionais da controvérsia moral. O costume “é cego como o morcego”: não vê através de princípios, se movimenta pelo toque concreto dos fatos que demandam resposta moral. Aqui encontramos um dos erros mais comuns e que caracteriza grande parte da reflexão moral ou ética na modernidade: a ideia de que não há mudanças no hábito ou no costume. Na há mudanças movidas por controvérsias acerca de definições morais (e há mesmo quase uma desconfiança atávica quanto a esse tipo de mudança). O costume se adapta de modo tão sutil que parece um movimento invisível – o tato parece pressenti-lo melhor do que a visão. Nele sobra o espírito de finesse que falta no racionalismo moral, obcecado pelo espírito de geometrie, como diria Pascal. (Pondé, 2008: 10)

A proposta desta Antropologia dos Afetos em Nelson Rodrigues no Laboratório de Humanidades é a de verificarmos em que medida a presença dos hábitos de afetos na Literatura de Nelson Rodrigues tem potencial humanizador para os profissionais da Saúde e alunos em formação acadêmica. Potencial humanizador porque ao identificar a racionalização excessiva com base em princípios utilitários (do “idiota da objetividade”) desconcerta o leitor, ou melhor:

Enfim, conhecer a Antropologia de Nelson Rodrigues espanta. Seja pela fama que construiu com sua obra teatral e com a própria vida, seja porque o seu pensamento é um resumo daquilo que muitos chamarão de “quintessência do obscurantismo”. Mas talvez essa seja a vantagem de um outsider: fugindo de pré-conceitos, ele desconcerta, faz-nos refletir e dá novas luzes sobre velhos temas. (Perez, 2009: 10)

A experiência do laboratório de Humanidades

Só os romancistas fracassados, os ensaístas fracassados, os poetas fracassados, que nunca tiveram nada a dizer e, portanto, nada a escrever, é que acreditam que o romance está morto, que a poesia está morta, que o teatro está morto e que a linguagem escrita está morta. (Rodrigues, 1997: 99)

O Laboratório de Humanidades é uma atividade que vem sendo desenvolvida desde 2003, na Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. Nela a literatura e a experiência estética apresentam-se como meio de formação humanística e de humanização. Basicamente a discussão se encontra dentro de um escopo evidenciado em função da problemática da desumanização na área da Saúde. E está vinculado ao Projeto Regular de Pesquisa intitulado “*As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação*”, que conta com o financiamento da FAPESP e congrega mais de uma dezena de pesquisadores em nível de iniciação científica (dos cursos de Medicina e Enfermagem), mestrado e doutorado dos programas de Saúde Coletiva e Ensino em Ciências da Saúde da EPM/Unifesp.

A proposta do Laboratório de Humanidades parte de um pressuposto antropológico que leva em consideração a experiência humana. Experiência humana que não se limita fundamentalmente a experiência racional cognitiva, mas considera outros aspectos da existência, a vivência que envolve outros conteúdos como o Afeto, a Inteligência propriamente dita e a Vontade. De maneira sintética entendemos humanização como toda e qualquer experiência que abre a possibilidade do desenvolvimento das potencialidades humanas no seu sentido mais amplo e sem fragmentações.

O Laboratório de Humanidades cria situações que desencadeiam a experiência estética ou experiências interpelativas. Interpelativas no sentido de impactar e despertar a dimensão da afetividade que após cinco séculos de puro racionalismo não conseguimos alterar. Pelo contrário, toda tentativa insistente e cada vez mais sofisticada de mudar nossa forma de relação com o mundo e com o outro, tentando desativar o “botão de afeto” acaba provocando o que chamamos de patologias modernas. Patologias da modernidade que entendemos ser a própria desumanização e se dão pelo fato de tentarmos negar que somos primariamente afetivos. A experiência estética é por si só uma experiência humanizadora, porque parte desse conteúdo primário que é a experiência afetiva.

Quando o Laboratório de Humanidades propõe uma experiência estética trabalha na perspectiva de expor o sujeito a algo que não se pode precisar um resultado. As pessoas são expostas a uma experiência estética literária, através da leitura de livros clássicos, leituras individuais e posteriormente encontros semanais de uma hora e meia, para que haja um processo de experimentação e compartilhamento dessa experiência estética. Com metodologia própria e de forma coordenada o processo de reflexão parte daquilo que foi lido e compartilhado. Organicamente a experiência intelectual, ou seja, a reflexão se desenvolve de uma forma absolutamente natural a partir dos conteúdos e dos repertórios mais distintos de cada participante. Não se trata de crítica literária, não se instrumentaliza a leitura, porque assim incorreria no mesmo equívoco inscrito no treinamento de competências e habilidades.

A experiência da leitura, discussão e compartilhamento de sentimentos, impressões e ideias suscitados pelas obras literárias entre o público formado por estudantes de medicina e por graduandos de outros cursos da área da saúde, por pós-graduandos e até por docentes e funcionários da Unifesp mostrou, de forma patente, o quanto as humanidades podem ser um efetivo meio de humanização (Bittar *et al.*, 2013). O trabalho com um grupo heterogêneo, em termos de idades e interesses, ainda que identificado com o campo das ciências da saúde, desenvolve uma dinâmica que gira em torno do compartilhamento de experiências. Não há, portanto, uma preocupação, por parte da coordenação do Laboratório, quanto a abordagens acadêmicas características da crítica literária ou das ciências humanas em geral. A cada início de ciclo, quando se começa a discutir uma obra que todos já tiveram a oportunidade de ler, os coordenadores convidam a cada um dos participantes do grupo a fazerem a sua história de leitura, ou seja, falar sobre as emoções, sentimentos, afetos, impressões que a leitura da obra suscitou. Posteriormente, incentiva-se também o levantamento das ideias mais representativas

que serão ao longo do ciclo de discussão —que em geral duram de 6 a 8 encontros semanais para cada obra— retomadas e debatidas.

Explorar e aprofundar a experiência afetiva que se produz ao nos depararmos com uma obra literária, é o objetivo principal do Laboratório de Humanidades, pois sabemos que sem o envolvimento integral do sujeito, enquanto ser dotado de sentimento, inteligência e vontade, não pode haver uma efetiva experiência de humanização. Por isso, antes de adentrarmos em discussões filosóficas, sociológicas ou históricas mais profundas —que não apenas são desejáveis, mas inevitáveis— incentiva-se, antes de tudo, a manifestação e compartilhamento das sensações, das emoções. Tal dinâmica não apenas amplia a própria experiência da leitura individual do sujeito, como abre novas possibilidades de leitura para os outros que o escutam. Começa a experiência da “ampliação da esfera do ser”, como bem colocava Teixeira Coelho. (Gallian *et al.*, 2010)

O caminho da humanização que se dá através da experiência estética do Laboratório de Humanidades e que entendemos como humanizadora é uma aposta institucionalizada que entende o processo de humanização através da leitura de clássicos como formação:

Inovar, renovar, ampliar a esfera sensual, afetiva, intelectual e mesmo volitiva do ser. Interagindo e envolvendo este ser não apenas enquanto ser pensante, mas enquanto ser afetivo, volitivo, ser difuso e indeterminado, as humanidades —a experiência da cultura através das artes, da literatura, da filosofia— possibilitam não só um novo e mais amplo olhar —conhecimento— sobre a realidade, como desencadeiam um processo de profunda transformação no próprio sujeito que olha, que conhece. Em suma, as humanidades apresentam-se como meio privilegiado de humanização do ser, na medida em que amplia as esferas da sua presença, da sua experiência, da sua consciência. As humanidades ajudam-nos a sermos mais humanos. (Gallian *et al.*, 2012)

Assim, acreditamos que esta pesquisa em andamento - numa abordagem Qualitativa de cunho Etnográfico (Facina, 2004; Geertz, 2009) - encontra campo concreto privilegiado no Laboratório de Humanidades onde a Literatura de Nelson Rodrigues, em especial, sua Antropologia dos Afetos poderá demonstrar seu potencial humanizador reintegrando o afeto a vida.

REFERÊNCIAS

- Bentham, J. (1979). *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação* (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- Bittar, Y.; Gallian, D. M. C.; Sousa, M.S.A. (janeiro-março, 2013). A Experiência Estética da Literatura como Meio de Humanização em Saúde: O Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP. *Revista Interface*, 17(44).
- Brasil. Ministério da Saúde. (2003). *Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização*. Brasília, Ministério da Saúde.
- Facina, A. (2004). *Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gallian, D.M.C. et al. (2010). *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação*. Projeto de Pesquisa Regular FAPESP (n.2010/ 50448-0), 2010. Disponível em <<http://www.bv.fapesp.br/pt/projetosregulares/27591/patologias-modernidade-remedios-humanidades-investigacao/>>. Último acesso em: 08 de abr. 2013.
- Gallian, D.M.C.; Pondé, L.F.; Ruiz, R. (2012). Humanização, Humanismos e Humanidades: Problematizando Conceitos e Práticas no Contexto da Saúde no Brasil. *Revista Internacional de Humanidades Médicas*, 1(1), 5-15.
- Gallian, D.M.C.; Reginato, V. (2009). Relação assistencial e sua humanização. In Ramos, D.L.P. (Org.). *Bioética, Pessoa e Vida* (pp.117-133). São Caetano do Sul: Difusão Editora.
- Geertz, C. (2009). *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Kafka, F. (1997). *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1999). Um Relatório para uma academia. In *Um Médico Rural: Pequenas Narrativas* (pp. 59-72). São Paulo: Companhia das Letras.
- Oakeshott, M. (2000). *El racionalismo em lá Política*. México: Fondo de Cultura.
- Passmore, J. (2004). *A Perfectibilidade do Homem*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Perez, M.D. (2012). *Antropologia Rodrigueana*. Disponível em: <http://www.dicta.com.br/edicoes/edicao-4/antropologia-rodrigueana>. Último acesso em 17 nov. de 2012.
- Ponde, L. F. (2008). O vôo do corvo sobre os jardins da Torre de Babel. *Ide (São Paulo)*, São Paulo, 31(47). Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-1062008000200006&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em 15 nov. 2012.
- Revista dEsEnrEdoS - ISSN 2175-3903 - ano IV - número 12 - Teresina - Piauí - janeiro fevereiro março de 2012 - <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/12-ensaio-LenitaBentes-N-Rodrigues.pdf>
- Rodrigues, N. (2007). *A cabra vadia: novas confissões*. Rio de Janeiro: Agir.
- (1997). *Flor de Obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rodrigues, S. (2012). *Nelson Rodrigues por Ele Mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Vicente, S. (2000). Ser mulher é ser nada. Em Laurent, E., *As paixões do ser* (p. 108). Salvador: EBP - Bahia Ed.

SOBRE A AUTORA

Carla Cristine Souza de Almeida: Psicanalista, Bacharel em Direito, Especialista em Educação e suas interfaces com a Religião.